



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao SBT**

**Palácio da Alvorada, 28 de novembro de 2007**

**Jornalista:** Boa noite, Cynthia. Boa noite, telespectadores do SBT Brasil. Eu estou aqui, ao lado do jornalista Carlos Chagas, para esta entrevista exclusiva com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Boa noite, Presidente.

**Presidente:** Boa noite, Nascimento.

**Jornalista:** A minha primeira pergunta é sobre o assunto do momento: a CPMF. Na hipótese, Presidente, de a CPMF não passar, se não for aprovada, o brasileiro pode se preparar para aumento do Imposto de Renda e de outros impostos?

**Presidente:** Nascimento, primeiro, não existe essa hipótese. Eu estou convencido de que o Senado aprovará a CPMF, até porque tem dois setores radicalizados contra a CPMF: o PFL, que não tem nada a perder e não tem perspectiva de futuro; e tem alguns sonegadores. Os empresários sérios e os pagadores sérios sabem que o dinheiro da CPMF é um dinheiro bem empregado, porque ele cuida das políticas sociais, ele cuida da saúde e ele cuida, inclusive, dos aposentados rurais. Portanto, eu acho que vai aprovar, eu tenho consciência de que haverá mais responsabilidade dos senadores e, no momento certo, eles votarão favoráveis.

**Jornalista:** Se ela fosse votada hoje, o governo já tem maioria para aprovar?

**Presidente:** Eu acho que o governo terá maioria no momento em que ela for



votada, seja hoje, se tivesse sido ontem também seria, se tiver segunda-feira, vai votar. Por conta disso, Nascimento: todos os senadores sabem o que representa a devolução da CPMF para os estados.

Eu estou convencido de que os estados não podem prescindir da CPMF, o governo federal não pode prescindir da CPMF. Quando as pessoas dizem que a carga tributária está muito alta, é importante lembrar que a modernização do sistema de arrecadação permite que a gente diminua a sonegação e, portanto, as empresas pagam melhor.

Outra coisa importante, Nascimento, é que as empresas estão ganhando bastante dinheiro no Brasil. A economia está crescendo porque as pessoas estão lucrando mais, é só ver os balanços. E quem ganha mais, paga mais. No tempo das vacas magras, pagava-se menos.

**Jornalista:** Presidente, o senhor tem afirmado em sucessivas entrevistas que, quando chegar o momento, o senhor vai cuidar da sucessão presidencial. Mas o senhor tem admitido que o candidato do bloco de partidos que apóiam o governo poderá não ser do PT. O senhor tem sofrido pressões do PT por causa disso?

**Presidente:** Bem, eu sofrerei pressão se eu disser que não será de qualquer partido político. Qual é a minha tese? Primeiro, num processo de coalizão, o PT precisa compreender que coalizão é isso: uma vez o candidato é do seu partido, outra vez o candidato é de outro partido político. Isso não implica que o PT não deva ter candidato. Pode ser que o PT chegue, no momento, e tenha um bom candidato. O que nós precisamos é ter consciência de que nós precisamos construir uma candidatura única dos partidos que compõem a base, porque tem muito cargo para disputar. Nós temos presidente da República, nós temos 27 governadores, nós temos 54 senadores, ou seja, não há espaço para briga. Eu estou convencido de que nós, primeiro, precisamos



esperar passar 2008, as eleições municipais. Depois, em 2009, nós começaremos a discutir as possibilidades de 2010.

**Jornalista:** O senhor tem rejeitado a tese do terceiro mandato. Mas se o PT não tiver um candidato eleitoralmente forte, o partido não vai jogar no terceiro mandato?

**Presidente:** Não é prudente do ponto de vista político, não é seguro para a democracia do País e é importante permitir que o povo brasileiro possa ter, na alternância de poder, a chance de escolher alguém melhor do que eu. Ora, pode ser que o povo até escolha errado, mas é importante que o povo tenha a possibilidade de, a cada quatro anos, a cada oito anos... Você sabe que eu era contra a reeleição, o segundo mandato, eu era contra, não fui eu que propus. Eu acho que o povo tem que escolher, porque assim o povo vai aprimorando o jeito de votar, vai escolhendo melhor. E uma hora a gente consegue consolidar definitivamente a democracia no Brasil e as pessoas aprenderão que podem trocar o presidente, mas a máquina pública estará funcionando bem, as obras vão continuar. E, isso, eu acho que é bom para o Brasil.

Eu digo sempre o seguinte, Nascimento, Carlos Chagas: com democracia a gente não brinca, democracia a gente respeita.

**Jornalista:** Presidente, o senhor se prepara para uma visita a duas favelas do Rio de Janeiro, Pavão e Pavãozinho. Vai ter lá um esquema especial de segurança para o senhor? Outro dia, atiraram num trem onde estavam ministros de Estado. Muita gente morreu, vítima do crime no Brasil este ano, de Norte a Sul. Eu sei que polícia é problema dos estados, mas eu queria lhe perguntar o seguinte: por que o governo federal não encabeça uma nova política nacional de segurança pública e devolve a segurança aos brasileiros?



**Presidente:** Primeiro, nós encabeçamos. Por isso nós criamos o Sistema Único de Segurança Pública, por isso nós criamos 27 gabinetes de gestão integrada. Qual é o problema que nós temos, ainda, e tínhamos com muito mais gravidade antes? É que a Polícia Civil não conversava com a Polícia Militar, a polícia do estado não conversava com a Polícia Federal. Se as pessoas não conversam, se o setor de inteligência não troca informação, você tem dificuldade de estabelecer uma estratégia de combate. Além de criar o Sistema Único de Segurança Pública e o Gabinete de Gestão Integrada, nós investimos na Polícia Federal como jamais foi investido neste País, não só em contratação de mais gente, na melhoria de salário e no investimento na formação da inteligência da Polícia Federal. Por isso, agora nós temos o Pronasci, que é o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania, que é a complementação disso, e isso está dentro do PAC. Nós estamos colocando 40 bilhões de reais para fazer uma ação muito forte nas principais regiões metropolitanas do País, que são 13, fazer urbanização e melhorar a vida da favela, levando para a favela, não apenas o asfalto, a luz elétrica, o esgoto e a água, mas levando escola, levando segurança, levando lazer, levando condições de as pessoas perceberem que o Estado está presente, atendendo os interesses do povo brasileiro.

**Jornalista:** Mas o senhor há de convir que para a segurança do cidadão, isso não chegou ainda, não é?

**Presidente:** Veja, é porque é um processo, essas coisas você não constrói do dia para a noite. Essas coisas, você estabelece uma estratégia, cria um programa. Por exemplo, o Pronasci, nós lançamos agora. Só vai entrar o dinheiro no orçamento de 2008. Nós, inclusive temos uma política especial para tratar de 4 milhões e 200 mil jovens que estão fora da escola. Nós queremos trazê-los para a escola, ensinar uma profissão e dar para eles um



mínimo de cidadania.

**Jornalista:** Presidente, no dia 1º de janeiro de 2003, quando o senhor tomou posse, o senhor levou o ex, já então ex-presidente Fernando Henrique, na rampa do Planalto, no automóvel, e o senhor disse a ele: “Pode ter certeza de que sempre terá, aqui no Palácio, um amigo”. Esse amigo ainda continua?

**Presidente:** Chagas, é uma coisa interessante. Eu sempre tive uma boa relação com o Fernando Henrique Cardoso. Eu não sei por que, depois que eu fui eleito presidente, possivelmente ele torcesse para que eu não desse certo. Possivelmente ele não esteja gostando de que as coisas estejam acontecendo bem, no Brasil. Se for isso, o tempo cura. Eu costumo não falar mal do presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele tem falado mal de mim e eu não tenho respondido.

**Jornalista:** Muito.

**Presidente:** Por quê? Eu não respondo, pelo seguinte: quando você vira presidente da República, o que vai mostrar se você foi mais eficaz ou não são os resultados do seu governo. Então, eu tenho até 2010. Eu tenho mais três anos e pouco. Quando terminar o meu mandato, eu terei passado 8 anos na Presidência e Fernando Henrique Cardoso terá passado oito anos. As estatísticas vão mostrar quem fez o quê para o Brasil.

**Jornalista:** Presidente, eu queria falar um pouco de saúde pública agora. O jornalismo do SBT, ao longo deste ano de 2007, mostrou muita gente morrendo na porta de hospital público por falta de atendimento. Rio de Janeiro; Nordeste, bastante; pessoas com atendimento ruim. Quero perguntar o seguinte: quando é que o cidadão brasileiro vai ter a segurança de que se ele ficar doente, ele ou



alguém da família, indo a um hospital do SUS, a um hospital público, ele vai ser atendido com eficiência?

**Presidente:** Olhe, nós estamos lançando – você, inclusive, estará convidado – no próximo dia 5 nós vamos lançar o PAC/Saúde. É um investimento importante, um investimento de muitos bilhões de reais, para que a gente possa dar ao cidadão brasileiro as condições de saúde que ele precisa. Por que estamos fazendo só agora? Porque no primeiro mandato nós tivemos que consertar o País, tivemos que arrumar a casa. Agora que a economia está crescendo, agora que a situação está ficando mais confortável para os brasileiros é que a gente pode, então, dispor de muito mais recursos para a gente fazer o que precisa ser feito. Não apenas a distribuição do remédio gratuito, mas atendimento de alta complexidade. Nós vamos criar até uma novidade, nós vamos levar médicos nas escolas para que as crianças possam fazer, no mínimo, duas consultas por ano com oftalmologista, com otorrino. Isso é para que a gente comece a fazer com que as pessoas entendam que vale a pena ser brasileiro, porque o Brasil está devolvendo para elas, em benefício, aquilo que elas pagaram de imposto.

**Jornalista:** Presidente, eu me lembro que em 1982 o senhor era candidato a governador de São Paulo e eu fiz a minha primeira entrevista, na televisão, com o senhor e perguntei: o senhor, afinal de contas, é o quê? É comunista, é socialista, é anarquista, sindicalista? O senhor parou um pouco, fez aquele suspense e disse: “eu sou torneiro mecânico”. A resposta vale para hoje, ainda?

**Presidente:** Hoje não vale porque eu não sou mais torneiro mecânico. Já faz mais de 25 anos que eu não trabalho. Mas é a minha profissão. Política não é profissão, em política você exerce uma atividade. Presidente não é profissão,



eu estou presidente, mas daqui a três anos eu não serei mais presidente.

**Jornalista:** O senhor não arrisca uma ideologiazinha?

**Presidente:** Se eu tivesse que dizer, eu diria para você o seguinte: eu acho muito ruim a gente ficar com um carimbo, na testa, do que a gente é. Eu poderia dizer: eu me considero um homem com aptidões socialistas muito fortes. Agora, esse socialismo é um projeto de conquista da sociedade e não uma imposição de um governo. Não é possível fazer socialismo por decreto, por medida provisória.

**Jornalista:** Como está fazendo Hugo Chávez?

**Presidente:** Eu acho que a Venezuela tem uma história muito singular. É importante a gente conhecer o que era a Venezuela antes e o que é a Venezuela agora. A Venezuela está conquistando a cidadania. Se nós temos críticas ao processo democrático ou ao comportamento do Chávez, é uma outra questão. O que eu respeito, na verdade, é a soberania de cada país decidir aquilo que é melhor para ele. E o Chávez... agora, vai ter um plebiscito, acho que no dia 2, um referendo. O referendo pode dar favorável. Se der favorável, é um resultado democrático, se não der favorável, também é um resultado democrático. Para o que nós, brasileiros, precisamos torcer? Que o processo seja o mais democrático possível, o mais transparente possível.

**Jornalista:** Bom, eu tenho uma última pergunta a fazer, nós já estamos estourando aqui o nosso tempo, mas eu vou fazer. Passando para a economia agora, o senhor disse que o governo tem que gastar dinheiro, tem que investir no desenvolvimento do País. Presidente, isso acende a luz amarela da inflação. Os economistas já começaram a dizer: “olha, vão gastar demais, a



inflação vai voltar.” Haverá uma tolerância maior com a inflação, no ano que vem?

**Presidente:** Primeiro, não há um brasileiro mais preocupado em controlar a inflação do que eu, porque eu era operário quando a inflação era de 40% ao mês e eu sei os efeitos dela no bolso do trabalhador. Portanto, ninguém neste País pode dizer que quer controlar a inflação mais do que eu. Por isso, fizemos o sacrifício que fizemos em 2003. O que eu acho é o seguinte: se você quiser melhorar o atendimento que o Estado oferece para a sociedade, você tem que contratar mais gente. Como é que eu vou melhorar a saúde sem contratar mais gente? Como é que eu estou fazendo 214 escolas técnicas sem contratar professores ou trabalhadores para as escolas? Como é que eu vou fazer 14 novas universidades e mais 48 extensões universitárias? Para tudo isso precisa de mais gente. E é isso que nós estamos fazendo: gastar com responsabilidade. Eu digo sempre o seguinte: meu exemplo de economia é a dona-de-casa, que pega o salário dela ou do marido, paga as suas despesas e o restante ela vai gastando de acordo com as suas necessidades, sem jogar dinheiro fora e sem contrair dívidas para que os outros paguem.

**Jornalista:** Obrigado, presidente Lula. Eu gostaria de dar uma notícia melhor, mas está zero a zero Corinthians e Vasco.

**Presidente:** Eu nunca estive tão nervoso em ver o Corinthians jogar, nem quando ele disputava o título para ganhar. Agora que ele está disputando para não ser rebaixado...

**Jornalista:** Muito obrigado ao presidente Lula pela entrevista para o SBT Brasil, e boa noite a todos.



**Presidente:** Obrigado a você, Nascimento. Obrigado, Chagas.